

UM INSTIGANTE E PROFUNDO TRATADO SOBRE A ESCRITA AFRO-AMERICANA

Amanda da SILVA*

WALTER, R. **Afro-América**: diálogos literários na diáspora negra das Américas. Apresentação de Roberto H. Seidel. Recife: Bagaço, 2009.

A mais nova publicação do professor e pesquisador Roland Walter (UFPE/CNPq), lançada pela Coleção Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco e publicada pela editora Bagaço, ancora em análises de aspectos importantes da formação dos países americanos, pautada no sistema escravagista. O livro é uma incursão pela escrita de autores que tomaram para si a incumbência de não deixar a história dos negros ser esquecida, sendo a busca pela reescrita dessas histórias o ponto em comum da maioria dos escritores analisados.

O título não dá a dimensão exata da obra, que é, em sua maior parte, orientada tanto na escrita quanto na história das mulheres negras, as mais subjugadas por essa terrível história da escravidão, vítimas que foram do regime sexista, sendo produtos para a satisfação sexual de seus donos; encontrando-se numa situação sem voz, sem prazer, sem escolhas, deixando para suas descendentes essa herança de não-posição. Walter faz um percurso pela literatura afro dos Estados Unidos, do Canadá, do Caribe, do Brasil, dentre outros, por meio de escritoras como Toni Morrison, Jamaica Kincaid, Dionne Brand, Marlene Nourbese Philip, entre os nomes de estrangeiras mais conhecidos no círculo acadêmico brasileiro, e de autoras e autores brasileiros pouco conhecidos por aqui, como Mirian Alves, Conceição Evaristo, Élio Ferreira, Cuti (Luis Silva).

O livro de Roland Walter traz um estudo analítico singular no campo dos estudos literários e culturais no que concerne à literatura de autoria afro, analisando questões como a diáspora negra pelos mares; a relação dos negros com a terra, com a paisagem e com os lugares de onde vieram e onde estão; suas histórias de vida ignoradas e apagadas pelos discursos oficiais; a busca por uma compreensão de si mesmos, seus traumas, a violência de que foram vítimas ou fizeram suas vítimas. Usando a memória e a linguagem oral como fio condutor desta busca interior por uma compreensão de seu lugar e de sua condição no mundo, esta escrita afro busca uma espécie de “resistência discursiva”, por meio da conscientização obtida pela

* UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural. Feira de Santana – BA – Brasil. 44031-460 – amanda_uefs@yahoo.com.br

busca de suas origens. A obra levanta assim questões que não foram tratadas ao longo da história dos países que emergiram do regime escravocrata.

O livro está dividido em quatro capítulos, com questões que se interligam de maneira harmoniosa. O primeiro capítulo trata dos complexos entrelaçamentos interculturais a que os indivíduos que vivenciam o processo diaspórico são lançados: as questões relacionadas à identidade e à transcultura no espaço da diáspora africana. Walter faz um percurso teórico por esses temas, que são de grande relevância para o entendimento das análises que se seguem nos capítulos posteriores.

O segundo capítulo analisa a importância da memória na reescrita da história do povo negro. Afirmando que “[...] a cultura afrodescendente recriada das ruínas de uma história apocalíptica é um efeito mnemônico” (WALTER, 2009, p.102), o autor deixa claro que essas histórias apagadas só podem ser recriadas ou recontadas pelos povos que a vivenciaram por meio da memória, de uma busca que só terá êxito se o coletivo e o individual se unirem para uma compreensão maior. Para recuperar as origens da condição que vivenciam hoje, os autores analisados neste capítulo reviram o baú da memória, reavivando feridas adormecidas, fazendo com que traumas adormecidos reapareçam e o estigma da história pese de maneira consciente.

O terceiro capítulo trata do inconsciente ecológico na literatura afro-diaspórica; da relação dos indivíduos deslocados com a paisagem; a terra e a natureza nos lugares por onde passaram. É o capítulo de menor expressividade da obra.

Já o quarto capítulo, é o mais extenso e o mais denso. O enfoque centra-se na narração e na violência pós-colonial no percurso diaspórico negro, com análises singulares de escritoras, como a consagrada Toni Morrison, Jamaica Kincaid, Dionne Brand. O que enfraquece um pouco as análises é a grande quantidade de autores estudados, o leitor não consegue se concentrar por conta do demasiado cruzamento de informações.

Os autores e livros de que trata Walter não abordam histórias de grandes feitos, nem tampouco representam a parte abastada dos lugares de onde eles falam. São, ao contrário, histórias das margens, de pessoas/povos que tiveram suas histórias subtraídas ao longo da formação desses países. Sabemos que a história de um país é, convencionalmente, conhecida por meio da história oficial, sempre contada e construída por quem detinha o poder e, como tal, sua versão sempre tendia a um “florear” dos acontecimentos, deixando à parte a parcela que não acompanhava o desenvolvimento, mesmo que esta parcela fosse a responsável por tal desenvolvimento.

Como afirmou Foucault (2009, p.8-9):

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de

procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Esses procedimentos dos quais nos fala Foucault, seriam os “procedimentos de exclusão”, pois legitimar um determinado discurso automaticamente significa negar outros vários; seria uma “verdade mascarada” com o intuito de validar determinadas práticas. A história do povo negro passou por esse processo de exclusão, em que, apesar das cruéis e forçadas práticas de trabalho e sobrevivência, foram conhecidos através da história como algozes, violentos e desumanos.

A literatura abriu caminho para que essas macro-histórias fossem questionadas, a partir do momento em que passou a trazer como tema de ficção a vida desses que estavam do outro lado da história, e é essa a incumbência dos autores que escrevem sobre a diáspora negra: a dívida da humanidade para com o povo negro alcança maiores proporções no decorrer do tempo; os navios negreiros, as plantações, as senzalas ficaram para trás, mas tiveram como substitutos os guetos e as favelas, com as condições precárias e o acúmulo do tempo histórico dessas pessoas subjugadas se multiplicando nas cidades.

O livro de Roland Walter abre um leque de autores excepcionais da literatura da diáspora negra, como a consagrada Toni Morrison e outros autores não muito conhecidos no Brasil, como a afro-canadense Jamaica Kincaid. A maioria das obras analisadas não possui tradução para a língua portuguesa, o que só podemos lamentar. Por outro lado, estimula o estudo e conhecimento desses autores que estão alcançando destaque em outros países e traduzindo a reivindicação dos negros por seu lugar na história.

Roland Walter apresenta um estudo de fôlego muito bem fundamentado e digno de comparação com as grandes obras dos estudos culturais, como *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, de Stuart Hall, e *O local da cultura*, de Homi Bhabha. Portanto, *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*, do professor Roland Walter, é um livro para se ter na estante, fonte de pesquisa, conhecimento e enriquecimento histórico e cultural.

Referências

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.



